

MÚSICA Disco, que só será vendido em shows ou pela Internet, será cantado em arwuk, idioma da tribo acreana

Banda de índios ashaninkas grava CD

VALÉRIA DE OLIVEIRA
free-lance para a Folha

Uma banda indígena da nação Ashaninka, de uma tribo que vive no Acre (a 900 km de Rio Branco), na divisa do Brasil com o Peru, pretende fazer sucesso no país e no mundo com um CD independente, que será vendido em shows e pela Internet.

O maestro Jaques Morelenbaum é quem fará a direção artística do CD. O disco será gravado na aldeia, mas as músicas ainda não estão definidas.

Segundo o pajé Benke Pianko, 26, líder do grupo, todas serão cantadas em arwuk, o idioma dos ashaninka. Na aldeia, onde moram 450 pessoas, apenas 20 falam português.

O CD deve conter músicas de pajelança, usadas em rituais espirituais e processos de cura, de festas, como a do "Piarentsi", quando os adultos ensinam as crianças a tocar e cantar, e músicas tradicionais dessa nação, que vive há 400 anos no Brasil.

Segundo Benke, o CD trará músicas tradicionais, românticas e agitadas, semelhantes ao samba. Algumas terão a participação de crianças.

O pajé está em Brasília em busca de patrocínio. Já conseguiu 40% dos R\$ 112 mil necessários para a produção de mil discos, a criação da homepage da tribo e a execução de um videoclipe e um documentário.

O governo do Acre, comerciantes das cidades próximas à aldeia, empresas de telefonia e a ECT (Empresa de Correios e Telégra-



Carlos Eduardo/Folha Imagem

Benke Pianko, índio da tribo Ashaninka que vai gravar um CD e, em breve, conectar-se à Internet

fos) estão dispostos a investir nas vozes dos índios.

"Após ouvir algumas das músicas e ver imagens em vídeo, percebi o quanto os ashaninka se sobressaem, causando impacto pela forte presença visual, sua musicalidade e tradição cultural extremamente preservada", escreveu o maestro Morelenbaum em uma carta de apoio à iniciativa.

O próprio Benke já foi homenageado com uma música de Milton Nascimento quando tinha 15 anos. O cantor mineiro esteve na aldeia, onde se inspirou para fazer o disco "Txai".

O projeto "Cantorias Indígenas Ashaninka" foi aprovado pelas secretarias do Audiovisual e de Artes Cênicas do Ministério da Cultura. Os recursos estão sendo captados por meio da Lei Rouanet, que permite aos patrocinado-

res aplicar 4% de seu Imposto de Renda em projetos culturais.

A banda, que tem o nome provisório de "Homãbani Ashaninka" (Vozes dos Ashaninka) é formada por dez índios.

Os próprios músicos fazem os instrumentos, como as flautas chamadas sungari e totãma, feitas de taboquinha, e tambores de cedro e couro de capivara, macaco ou cotia. Outro instrumento usado é o piõnpirentsi, um arco feito de madeira, cuja concepção e som se parecem aos do violino. Ele é utilizado pelos apaixonados para tocar à noite e de madrugada, quando a aldeia está em silêncio.

"Para nós, é importante fazer sucesso com um grupo ashaninka cantando no meio dessas aldeias de brancos dentro dos Estados, apresentando aquilo que nós queremos", diz Benke.

LETRA

"Nonindanin kamarãbe
Nonindanin kamarãbe
Kamarãbe, rei, rei...
Kasãkayteya kasãkayteya
Oteiannen kamarãbe, rei,
rei...
Kasãkayteya rorowã
Rorowãne, rei, rei...
Kamene kame renoke
Pawaneyte ripokaynkatakõ
Romãba renoke, rei, rei..."

Obra de Kamarãbe (letra) e Benke Pianko (música). Tradução: "Eu gosto de kamarãbe (cipó alucinógeno usado como medicamento)/ É muito cheirosa a flor do kamarãbe/ Você está olhando para ela/ É muito cheirosa a flor da rainha da floresta/ Olha para o céu/ Deus vem ao encontro de nós/ Eisa voz que vem dele/ Temos que ouvi-la."

HIGH-TECH

Em breve, aldeia estará on line

free-lance para a Folha

A aldeia Apiwtxa (pronuncia-se apítua), que quer se conectar com o mundo pela Internet, não tem hoje nem energia elétrica. Nem quer ter. Pretende usar, em breve, energia solar.

Os ashaninkas querem conhecer tecnologias de ponta do mundo inteiro para selecionar a que vão usar.

A aldeia produz quase tudo o que precisa, inclusive as roupas —túnicas longas feitas em teares manuais. Só compram dos "brancos" sal, óleo e munição.

Ao contrário das demais nações indígenas do Brasil, os ashaninkas nunca andaram nus. Acredita-se que as mulheres dessa tribo aprenderam a tecer com os povos da civilização Inca.

Na aldeia, elas colhem o algodão, formam os fios e tecem para toda a tribo.

Conectados

No Peru, onde são cerca de 55 mil, os ashaninkas já estão na Internet. O sonho de Benke Pianko é conversar com eles todos os dias por e-mail.

"Acho que a Internet deve servir para a união dos povos indígenas", disse ele.

Benke não tem medo de que a rede de computadores leve prejuízos culturais para seu povo. "Vamos querer comprar aquilo que precisarmos, como equipamentos para trabalhar, por exemplo."

Os ashaninkas conquistaram o respeito dos "brancos" da região onde vivem.

São sócios de um deles em uma fábrica de sabonetes de óleo de palmeiras retirado da floresta na cidade de Cruzeiro do Sul, a 750 quilômetros de Rio Branco. A fábrica gera empregos para toda a tribo e também para a população ribeirinha do Amônia.

A área da reserva indígena é de 87 mil hectares. Os ashaninkas vivem da floresta, mas afirmam ser cuidadosos.

Benke é agente agroflorestal. Especializou-se, em vários cursos para aprimorar os conhecimentos da tribo, em reflorestar e enriquecer a floresta com mudas de árvores nobres, como mogno.

"Vendi porcos, galinhas para poder pagar as despesas com o reflorestamento", contou. Ele desenvolveu um plano de manejo para retirar não só as palmeiras usadas na produção do sabonete, mas todas as plantas da floresta, para evitar danos à natureza.

Tudo o que os ashaninkas têm para contar e para vender estará à disposição do mundo na homepage que deve estreitar dia 19 de abril, Dia do Índio. (VO)